

## A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA COLABORATIVA E AS EXPECTATIVAS DA ESCOLA NA APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Samoel da Silva Costa<sup>1</sup> • Samuel Costa da Silva Filho<sup>2</sup> • Evanilson Landim<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo trata de um estudo realizado no projeto de Bolsa de Iniciação Acadêmica (BIA) intitulado "O Ensino de Matemática Colaborativo e as expectativas da escola na aprendizagem do estudante com o Transtorno do Espectro Autista", que teve como objetivo principal analisar como a escola está compreendendo a inclusão em Matemática dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) a partir das expectativas da Educação Colaborativa. A pesquisa utilizou abordagem bibliográfica e a coleta e análise de dados foram realizadas por meio de uma Revisão Sistemática da Literatura na plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a partir das diretrizes do PRISMA. Ao fim dessa etapa foram selecionados 10 artigos para uma análise mais aprofundada. Os resultados das análises evidenciaram que é fundamental que o docente utilize diferentes estratégias para promover a inclusão de estudantes com TEA, como atividades lúdicas e jogos digitais, com destaque para a gamificação, que demonstrou potencial para adaptar o ensino às necessidades dos estudantes com TEA, proporcionando abordagens mais criativas. Contudo, evidenciou-se que desafios persistem, como a insuficiência na formação docente, resultando em práticas tradicionais inadequadas, justificando a necessidade de aperfeiçoamento da formação docente no contexto da Educação Inclusiva. Assim, concluiu-se que práticas pedagógicas inovadoras são essenciais para superar barreiras estruturais e sociais, e que investir na formação continuada dos professores e fortalecer a colaboração entre escola, família e comunidade são passos fundamentais para consolidar uma Educação Inclusiva.

**Palavras-chave:** Educação Matemática Colaborativa; Representações Sociais; Equidade.

### 1. Introdução

É fato que a concepção tida pela sociedade sobre a pessoa com deficiência mudou e permanece mudando para melhor, ainda que paulatinamente. Contudo, o patamar atual alcançado por essa mudança ainda não representa o potencial transformador que a verdadeira inclusão pode proporcionar à sociedade, como um todo, e à escola, especificamente. Ainda é comum reconhecer estudantes sendo retirados durante as aulas regulares para realizarem atividades ou, de forma mais sutil, realizando, em sala, atividades distintas e de baixa demanda cognitiva que

---

<sup>1</sup>Graduando do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade de Pernambuco *Campus* Petrolina; e-mail: samoel.costa@upe.br

<sup>2</sup>Graduando do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade de Pernambuco *Campus* Petrolina; e-mail: samuel.costaf@upe.br

<sup>3</sup>Professor Adjunto da Universidade Pernambuco *Campus* Petrolina; e-mail: evanilson.landim@upe.br

não consideram os seus potenciais. Nessa perspectiva, a abordagem do Ensino Colaborativo pode contribuir para a inclusão desses estudantes ao incentivar e articular a colaboração entre os professores de sala comum e os professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE), além da parceria com agentes extraescolares, como a família e o próprio contexto dos estudantes.

Assim, considerando o potencial da perspectiva supracitada, a presente pesquisa teve como objetivo principal analisar como a escola está compreendendo a inclusão em Matemática dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) a partir da expectativa da Educação Colaborativa. Buscou-se reconhecer o processo de planejamento e execução das aulas de Matemática em turmas dos anos finais do Ensino Fundamental que possuem estudantes com TEA incluídos; identificar as representações sociais sobre a aprendizagem Matemática de estudantes com TEA compartilhadas por licenciandos e docentes que ensinam Matemática; e identificar as relações entre as representações sociais e ações dos professores frente ao processo de aprendizagem Matemática por estudantes com TEA.

Este estudo foi realizado como parte integrante do projeto de Bolsa de Iniciação Acadêmica (BIA) intitulado “O Ensino de Matemática Colaborativo e as expectativas da escola na aprendizagem do estudante com o Transtorno do Espectro Autista”, desenvolvido pelo primeiro autor e orientado pelo terceiro autor, financiado pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE). Para alcançar os objetivos, foi realizada uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) na plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC) a partir das diretrizes do método dos Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-Análises (PRISMA), analisando os apontamentos da literatura quanto a como a escola está entendendo a aprendizagem do estudante com TEA na sala de aula.

Seguidamente, após esta introdução, serão explorados os aspectos teóricos relacionados à Educação Matemática Colaborativa. Posteriormente, o instrumento que viabilizou a obtenção dos dados será apresentado e os resultados obtidos serão explicitados e analisados.

## 2. Educação Matemática Colaborativa

Constantemente, nota-se o ensino de Matemática como algo cansativo, abstrato e desconectado da realidade do estudante. Isto se reflete na dificuldade do discente em aprender Matemática, pois quando o conteúdo não tem relação com o seu cotidiano, ele tende a apresentar dificuldades. Além disso, as metodologias empregadas pelo professor podem contribuir para a não aprendizagem do estudante, visto que, muitas vezes, vê-se o ensino de Matemática em que o professor utiliza apenas aulas expositivas e tediosas (Abreu; Lima, 2023, p. 3). Quando se trata da aprendizagem de estudantes com deficiência, seja ela física ou intelectual, essa dificuldade no ensino de Matemática aumenta, pois, geralmente, os professores não são preparados para lidar com o estudante com deficiência (Landim; Maia; Sousa, 2024, p. 8).

Objetivando mitigar a reprodução de práticas ortodoxas e pouco significativas no ensino de Matemática, bem como a transferência de responsabilidade e invisibilização no ensino dessa disciplina para estudantes com deficiência, propõe-se a abordagem da Educação Matemática Colaborativa, entendida por Landim, Maia e Sousa (2024) como:

[...] o conjunto de saberes, práticas, reflexões e pesquisas empreendidas pela escola com o objetivo de promover a conceitualização matemática do estudante, principalmente daqueles historicamente marginalizados do processo educacional, a exemplo das pessoas com deficiência (Landim; Maia; Sousa, 2024, p. 8).

Nessa abordagem, é esperado que o esforço, empenho e a ação conjunta de todos os agentes envolvidos no processo de aprendizagem dos estudantes — ou seja, o trabalho colaborativo entre diversas partes — contribuam para a construção de uma aula de Matemática equitativa, que proporcione condições de aprendizagem a partir da consideração das especificidades de cada estudante (Landim; Maia; Sousa, 2024, p. 8).

Para alcançar essas expectativas, os autores propõem pressupostos indispensáveis da Educação Matemática Colaborativa que devem ser adotados pela escola, sendo eles: *esperança na aprendizagem, valorização da diversidade, equidade curricular, comunicação inclusiva, inclusão recíproca, contextualização*

*significativa, aprendizagem colaborativa, avaliação justa e competências socioemocionais* (Landim; Maia; Sousa, 2024, p. 8).

Por meio dos pressupostos citados e da dedicação e colaboração entre todos os agentes do processo de aprendizagem dos estudantes, espera-se uma mudança tanto na maneira como os conteúdos de Matemática são abordados quanto nas oportunidades proporcionadas pela escola para que os estudantes — com ou sem deficiência — possam aprendê-los em seus diversos aspectos.

### **3. Metodologia**

Para a execução desta pesquisa, utilizou-se a abordagem da pesquisa bibliográfica. Assim, a coleta e análise dos dados se deram por meio de uma Revisão Sistemática da Literatura, caracterizada por Galvão e Ricarte (2019) como uma modalidade de pesquisa “que segue protocolos específicos e que busca entender e dar alguma logicidade a um grande corpus documental [...] verificando o que funciona e o que não funciona num dado contexto”.

Para a realização da Revisão Sistemática, foi utilizada a plataforma da CAPES/MEC. Mediante a isto, os termos de busca usados na linha de pesquisa foram: “*Matemática AND Autismo*”, “*Representações Sociais AND Autismo*” e “*Representações Sociais AND Inclusão*”. Como resultado, no primeiro momento, foram recuperados um total de 379 trabalhos.

Em seguida, foram definidos critérios de inclusão para seleção dos trabalhos. Os textos recuperados seguiram os critérios do PRISMA, sendo eles a temática (trabalhos relacionados a estudantes com o Transtorno do Espectro Autista), o período de publicação (2015 a 2023), a revisão por pares e a seleção apenas de artigos. A partir desses critérios, chegou-se a um total de 114 trabalhos. Assim, procedeu-se à análise dos objetivos de cada artigo, com o propósito de verificar sua relação com o tema do projeto. Finalmente, foram selecionados 10 artigos que abordavam a perspectiva dos professores e da escola na aprendizagem do estudante com TEA, bem como os principais desafios e metodologias que poderiam ser utilizados no desenvolvimento de atividades para esses estudantes.

O processo de leitura, análise e interpretação dos artigos selecionados foi conduzido com o apoio de fichamentos e de um formulário elaborado para sistematizar as informações referentes ao título do estudo, país de origem, ano de publicação, autor, instituição, questão de pesquisa, objetivo geral, metodologia e resultados obtidos. Na seção seguinte, são apresentados os principais achados e análises decorrentes desse levantamento.

#### 4. Resultados

Seguindo as etapas estabelecidas pelo método PRISMA, foram selecionados 10 artigos para uma análise mais aprofundada nesta pesquisa, conforme pontuado na seção anterior. Para facilitar a compreensão e organização do trabalho, as principais informações, como título, ano de publicação, autores e instituições, foram dispostas no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1: Dados dos artigos analisados

Nº	Título	Autores	Ano	Instituição
1	As diferentes abordagens para o autismo no contexto educacional contemporâneo	Daniel Novaes; Branca Monteiro Camargo	2022	Não apresentou instituição
2	Gamificação como estratégia pedagógica para potencializar habilidades matemáticas para estudantes com autismo: uma revisão sistemática da literatura	Lidiane Maciel Pereira; Regina Barwaldt	2022	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
3	Modelagem Matemática na Educação Infantil: uma experiência realizada com crianças que apresentam espectro autista	Ana Caroline Zampirolli; Lilian Akemi Kato	2021	Universidade Estadual de Maringá (UEM)
4	Adequações curriculares para alunos com autismo: o que é? Como fazer?	Henrique Arnoldo Junior	2021	Universidade Santa Cecília (UNISANTA)

5	Inclusão da criança com espectro autista em sala de aula: desafios e perspectivas familiares	Parley Lopes Bernini da Silva; Ana Paula Gouvêa; Silvana de Araujo Castro de Oliveira	2021	Não apresentou instituição
6	Aprendizado de Matemática usando jogos na Educação Especial	Eliane Veiga Cabral da Costa; Augusto Fachín Terán; Ercilene do Nascimento Silva de Oliveira	2020	Não apresentou instituição
7	Ensino de Matemática nas Salas de Atendimento Educacional Especializado: de qual inclusão falam os professores em Pernambuco?	Juliana de Cássia Gomes da Silva; Fatima Maria Leite Cruz	2020	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
8	Desconstruindo Representações Sociais: por uma Cultura de Colaboração para Inclusão Escolar	Rosana Glat	2018	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
9	A Educação Inclusiva e a implementação das Salas de Recursos Multifuncionais	Maria Loézia Duarte Jorge; Emidgia Garcia Ferreira; Edilândia Carvalho de Sousa; Maria Aparecida Oliveira Alves	2015	Não apresentou instituição
10	Educação Inclusiva: Representações Sociais de Professores que ensinam Matemática	Geraldo Eustáquio Moreira; Ana Lúcia Manrique	2015	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).

Fonte: Autoria Própria

No geral, os artigos selecionados são relativamente recentes, com destaque para aqueles publicados entre 2020 e 2022. No entanto, observa-se um baixo

índice de pesquisas que abordam a correlação entre Matemática e Educação de estudantes com TEA.

No Artigo 1, Novaes e Camargo (2022) destacaram que a inclusão de estudantes com TEA em sala de aula enfrenta desafios referentes à falta de preparo dos professores e à dificuldade de aplicar as leis de inclusão na prática escolar, fazendo com que os objetivos de aprendizagem desses estudantes não sejam plenamente alcançados. Os autores enfatizam que a inclusão efetiva exige mudanças na compreensão dos professores sobre a aprendizagem dos estudantes com deficiência e na forma como pais e professores se relacionam com os discentes. Eles sugerem como suporte à aprendizagem de estudantes com deficiência o uso das tecnologias digitais, pois, além de proporcionar interação entre os estudantes da turma, oferecem aplicativos e dispositivos móveis que podem melhorar o desenvolvimento cognitivo deles. Por fim, ressaltam que é fundamental fortalecer a relação da escola com a família, pois esse diálogo estimula a aprendizagem significativa que pode tornar a inclusão dos estudantes com TEA realidade.

No Artigo 2, Pereira e Barwaldt (2022) perceberam que a utilização das tecnologias digitais, com ênfase no uso da gamificação, demonstrou ser um recurso valioso para o ensino dos estudantes com TEA, oportunizando uma aprendizagem significativa, permitindo que as crianças aprendam de forma criativa e envolvente. A inclusão dos elementos da gamificação no ensino contribui para que as atividades sejam estruturadas de forma mais motivadora, proporcionando a concentração e a participação desses discentes. Além disso, as autoras concluíram que essa metodologia de ensino permite que os estudantes com TEA desenvolvam suas habilidades cognitivas, sociais e comunicativas. Dessa maneira, a gamificação configura-se como uma estratégia pedagógica que favorece a inclusão escolar e potencializa os processos de aprendizagem.

No Artigo 3, Zampirolli e Kato (2021) perceberam que, embora os estudantes com TEA apresentassem algumas limitações na comunicação verbal, comuns em crianças autistas, os conceitos que foram desenvolvidos ao longo da vivência, tal como os saberes de maior ou menor, foram claramente demonstrados por meio das representações visuais, confirmando que a expressão de ideias vai além das

palavras. Com isso, as autoras destacaram que as interações em grupo e as produções individuais mostraram que todas as crianças assimilaram os conceitos propostos, enfatizando a importância de considerar as diversas formas de aprendizagem.

O Artigo 4, de Arnoldo Junior (2021), as adequações curriculares adotadas resultaram em avanços significativos na aprendizagem matemática e na interação social dos estudantes autistas. Para dois discentes com autismo leve, houve progresso em conteúdos avançados, como frações e equações, por meio de materiais visuais como o "Matemática Ilustrada". Outro estudante, com autismo moderado, demonstrou aprimoramento no raciocínio com jogos matemáticos avançados. Já outros estudantes, enfrentando maiores desafios, evoluíram no domínio de operações básicas e princípios. Além disso, o uso de materiais e estratégias inclusivas beneficiou a dinâmica de grupo e a interação entre estudantes. Com isso, o autor destacou que o alinhamento entre professores, pais e supervisão escolar foi decisivo para potencializar esses resultados, evidenciando ações que valorizam as potencialidades dos estudantes.

No Artigo 5, da Silva, Gouvêa e Oliveira (2021) destacaram a falta de profissionais capacitados e a escassez de informações sobre a aprendizagem de estudantes com TEA como principais obstáculos. Os resultados evidenciaram que os pais acreditam que políticas públicas bem implementadas e a aplicação efetiva da legislação poderiam facilitar a inserção das crianças no ambiente escolar, o que gera dúvidas quanto à preparação das escolas para receber estudantes com TEA. Muitos consideram a escolha da escola como um dilema entre a falta de estrutura das públicas e a percepção de melhores condições nas escolas particulares, mas ainda enfrentam receios devido à inadequação dos métodos pedagógicos e à falta de profissionais especializados. Os autores destacam a importância das interações sociais entre professores, pais e outros estudantes, que influenciam diretamente a adaptação educacional das crianças.

Os resultados do Artigo 6, de Costa, Terán e Oliveira (2020), apontaram que, quando as atividades são realizadas no contexto dos estudantes, a aprendizagem tende a ser significativa, visto que os saberes passam a ter significado direto com sua realidade. Em uma atividade envolvendo o Teatro Amazonas, por exemplo, os

autores notaram que os discentes identificaram formas geométricas na cúpula e calcularam o número de ângulos na escadaria, relacionando isso com os números naturais e operações de adição. Além disso, a atividade fora de sala de aula permitiu uma interação social significativa entre os estudantes. Com isso, os autores concluíram que atividades direcionadas para o contexto do estudante permitem que eles percebam que a Matemática está presente no cotidiano e em espaços sociais e culturais, tornando a aprendizagem mais significativa, inclusive para estudantes com TEA.

No Artigo 7, os resultados da pesquisa de Silva e Cruz (2020) destacaram que, apesar das políticas públicas para inclusão educacional, muitas práticas nas Salas de Atendimento Educacional Especializado (SAEE) apresentam problemas, como a falta de planejamento didático e o uso de atividades que não garantem a aprendizagem dos estudantes. As autoras observaram que a formação dos professores ainda é um desafio, com muitos não se sentindo preparados para trabalhar com estudantes com deficiência, revelando desafios tanto na aprendizagem dos discentes quanto no conhecimento didático dos docentes. Além disso, os resultados também revelaram que elementos como materiais manipuláveis e recursos lúdicos são subutilizados, apesar de seu potencial na aprendizagem concreta e prática.

Os resultados do Artigo 8 de Glat (2018) demonstram que a formação dos professores é um ponto crucial, uma vez que muitos docentes mantêm uma abordagem tradicional, separando os estudantes entre “normais” e “especiais”. A autora revelou que isso gera conflitos entre os professores da sala comum e os do AEE, dificultando a aprendizagem dos estudantes com deficiência em vez de compartilhar a responsabilidade no que se refere à aprendizagem. Ela concluiu que muitos professores resistem à inclusão, argumentando dificuldades em gerenciar turmas grandes e atender todas as demandas.

As autoras Jorge, Ferreira, Sousa e Alves (2015), do Artigo 9, concluíram que salas de recursos multifuncionais são vistas como um suporte pedagógico, complementando o ensino regular e ajudando a atender estudantes com deficiência. No entanto, a implementação dessas salas ocorre de forma desigual, evidenciando desafios estruturais e pedagógicos, com muitos professores

apontando que, embora as salas contribuam significativamente para a inclusão, os recursos e materiais disponíveis nem sempre são suficientes para atender plenamente às demandas dos estudantes. Além disso, muitos professores destacaram que a formação continuada é fundamental para qualificar suas práticas pedagógicas e garantir um atendimento mais eficaz, mas que o acompanhamento oferecido pelas redes de ensino ainda apresenta variações, impactando na qualidade das intervenções realizadas.

No Artigo 10, os resultados apontaram que muitos professores reconhecem o valor da convivência entre os estudantes com e sem deficiência, afirmando que “o conhecimento se constrói juntos”. No entanto, também emergiram crenças limitadoras, como a visão da deficiência associada à incapacidade ou a de que discentes com deficiência possam “atrapalhar” o desempenho da turma. Segundo Moreira e Manrique (2015), essas representações evidenciam a necessidade de um olhar mais consciente e acolhedor sobre a inclusão, reforçando a importância de um trabalho pedagógico que valorize a diversidade. Para isso, eles propõem ações como capacitar os professores em relação às características e necessidades dos estudantes com deficiência, promover atividades que integrem estudantes e criar iniciativas que fortaleçam a inclusão nas escolas.

Assim, a partir desses resultados, foi possível estabelecer relações entre os artigos quanto aos desafios e potencialidades da inclusão de estudantes com TEA. Ao evidenciar que a inclusão de estudantes com TEA enfrenta desafios relacionados à falta de formação docente, à dificuldade de aplicar as políticas de inclusão na prática escolar e à resistência de alguns professores em adotar metodologias adaptadas às necessidades desses estudantes, os Artigos 1, 5, 7 e 8 convergem, respectivamente. Tais estudos ressaltam que a formação continuada, o trabalho colaborativo entre professores da sala comum e do AEE e o diálogo com as famílias são fundamentais para a inclusão.

Os artigos 2, 3, 4 e 6 destacam as possibilidades pedagógicas que emergem do uso de tecnologias digitais, metodologias ativas e atividades contextualizadas, apontando que recursos como a gamificação, jogos educativos e atividades culturais favorecem o engajamento e a aprendizagem significativa de estudantes com TEA. Assim, enquanto o primeiro grupo enfatiza as barreiras estruturais e

formativas que ainda dificultam a inclusão, o segundo evidencia caminhos que podem tornar o processo de aprendizagem efetivo.

## 5. Considerações Finais

Esse trabalho teve como objetivo analisar como a escola compreende a inclusão em Matemática TEA a partir da expectativa da Educação Colaborativa. Para isso, foi realizada uma RSL na plataforma da CAPES/MEC a partir das diretrizes do método PRISMA, tendo sido selecionados 10 artigos para uma análise mais aprofundada.

Os resultados das análises evidenciaram que é fundamental que o docente utilize diferentes estratégias para promover a inclusão de estudantes com TEA, como atividades lúdicas e jogos digitais, principalmente nas aulas de Matemática, ainda fortemente marcadas por formas de ensino mais convencionais. A gamificação e as tecnologias digitais se mostraram como ferramentas eficazes para engajar os estudantes e promover a aprendizagem, sendo que as atividades gamificadas, em especial, demonstraram potencial para adaptar o ensino às necessidades dos estudantes com TEA, proporcionando abordagens mais criativas. Contudo, apesar dos avanços, desafios persistem, como a insuficiência na formação docente, que, muitas vezes, resulta em práticas tradicionais inadequadas, evidenciando a necessidade de aperfeiçoamento da formação docente no contexto da Educação Inclusiva.

Conclui-se, assim, que práticas pedagógicas inovadoras são essenciais para superar barreiras estruturais e sociais. Dessa forma, investir na formação continuada dos professores e fortalecer a colaboração entre escola, família e comunidade são passos fundamentais para consolidar uma Educação Inclusiva.

## Referências

ABREU, É. E.; SILVA, E. L. A utilização de jogos como recurso didático no ensino de números racionais na representação fracionária. **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 1–17, 2023.

COSTA, E. V. C.; TERÁN, A. F.; OLIVEIRA, E. N. S. Aprendizado de Matemática usando jogos na Educação Especial. **Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, v. 8, n. 3, p. 77–97, 2020.

DA SILVA, P. L. B.; GOUVÊA, A. P.; OLIVEIRA, S. D. A. C. Inclusão da criança com espectro autista em sala de aula: desafios e perspectivas familiares. **Cadernos de Pós-graduação**, v. 20, n. 2, p. 150–164, 2021.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.

GLAT, R. Desconstruindo Representações Sociais: por uma Cultura de Colaboração para Inclusão Escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, p. 9–20, 2018.

JORGE, M. L. D.; FERREIRA, E. G.; SOUSA, E. C.; ALVES, M. A. O. A Educação Inclusiva e a implementação das Salas de Recursos Multifuncionais. **ID on line**, v. 9, n. 25, p. 62-90, 2015.

ARNOLDO JUNIOR, H. Adequações curriculares para alunos com autismo: o que é? Como fazer? **Revista Insignare Scientia**, v. 4, n. 2, p. 122–134, 2021.

LANDIM, E.; MAIA, L. S. L.; SOUSA, W. P. A. Educação Matemática Colaborativa e as expectativas da escola na aprendizagem do estudante com deficiência visual. **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**, Brasília, v. 14, n. 5, p. 1–21, 2024.

MACIEL PEREIRA, L.; BARWALDT, R. Gamificação como estratégia pedagógica para potencializar habilidades matemáticas para estudantes com autismo: uma revisão sistemática da literatura. **RENOTE**, v. 20, n. 1, p. 81–90, 2022.

MOREIRA, G. E.; MANRIQUE, A. L. Educação Inclusiva: Representações Sociais de Professores que ensinam Matemática. **Póiesis Pedagógica**, v. 12, n. 1, p. 127–149, 2014.

NOVAES, D.; MONTEIRO CAMARGO, B. As diferentes abordagens para o autismo no contexto educacional contemporâneo. **Argumentos Pró-Educação**, v. 7, p. 1–21, 2022.

SILVA, J. C. G.; CRUZ, F. M. L. Ensino de Matemática nas Salas de Atendimento Educacional Especializado: de qual inclusão falam os professores em Pernambuco? **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, n. 51, p. 352-373, 2020.

ZAMPIROLI, A. C.; KATO, L. A. Modelagem Matemática na Educação Infantil: uma experiência realizada com crianças que apresentam espectro autista. **Revista Valore**, v. 6, p. 125–140, 2021.